

.: Editorial

Nesse novo número do *Conect-a*, o décimo primeiro na série do boletim e o segundo sob a responsabilidade da nova Diretoria (triênio 2025-2028), seguimos apostando que a cada edição e, mais do que isso, a cada texto que a compõe – dando corpo e fragmentando à sua maneira -, colocamos em marcha nosso desejo pela causa psicanalítica através da circulação das ressonâncias e dos efeitos de formação que as atividades do Instituto promovem e instauram entre os associados.



Imagem: <https://pixabay.com/pt/>

As “ressonâncias” são palavra-chave de orientação da proposta do boletim e, com essa ênfase, queremos abrir o convite para que os associados interessados em transmitir pela escrita algo que os tenha tocado nas atividades e cursos do Clin-a possam endereçar esse desejo ao *Conect-a*, que assim se coloca como lugar de acolhimento dessa demanda.

A ideia é ampliar a via de troca na relação boletim-associados para que os textos circulantes não sejam sempre um convite por parte da comissão que convoque a decantação de um trabalho, mas que possa também, em uma via de mão dupla, ser um espaço para onde os próprios associados podem destinar seu desejo de escrita. Nas palavras de Emelice Prado Bagnola, é um convite para que “cada um possa se lançar a escrever, conectar-se... associar-se” – uma fala que nos lembra que “associar-se” ao Instituto não é uma vinculação que se deu em um momento histórico pontual na vida do sujeito, mas um ato contínuo que se renova sempre uma vez mais no movimento de relançamento do desejo.

Na composição desse número onze do boletim tivemos o enorme prazer de poder contar com textos que nos transmitem esse desejo com a delicadeza e o rigor que a psicanálise exige de nós.

Nas **Pílulas**, Guilherme Pimentel traz notícias do curso “Gozar sem limites: qual a função do fantasma?” através de questionamentos contundentes sobre o que o fantasma tensiona da

relação do inassimilável do gozo e do veiculável do princípio do prazer, aqui convertido em um cúmplice êxtimo que tem como resultado verter o índice de uma condição estrangeira denunciável pela enunciação.

Com o título “A escrita de um caso em psicanálise”, Janaína Veríssimo perfaz ecos do curso “A construção do caso clínico e sua transmissão” em uma generosa contribuição que percorre a incidência do praticante como efeito modulador do caso e como a própria ética do que está em jogo no desejo do analista.

Luciana Legey, se servindo da experiência no “Núcleo de Psicanálise e Toxicomania”, tece vivos comentários que passam desde a função da transferência na “clínica do excesso”, em que o analista pode “sustentar, como semblante de parceria de gozo, o valor da palavra como fio da transferência”, como também nos efeitos que se recolhe nos trabalhos em núcleos, instituições e redes quando o desejo de saber comparece balizado pelo que ele detém como índice, isto é, o não saber, que conhecemos como a própria possibilidade e condição tanto da clínica quanto da formação do psicanalista.

Fazendo uso do **Radar**, Fábio Saad transita muito bem entre Andy Warhol, Lacan e o objeto olhar e a função das telas e imagens no contemporâneo com uma certa ousadia que lhe cai muito bem e que é digna da originalidade do tema e necessária para enlaçar a repercussão de uma exposição de arte ao engenho de uma articulação teórica bem sustentada.

Na seção destinada à **Biblioteca**, Camila Popadiuk reitera o alinhamento da Biblioteca do Clin-a à Federação Internacional de Bibliotecas de Orientação Lacaniana (FIBOL) e seus objetivos no fomento das pesquisas e trocas animadas pela psicanálise: “Mais do que um local de guarda de livros, a Biblioteca do Clin-a se afirma como local de investigação, intercâmbio e realização de reuniões” – um espaço a ser ocupado.

Na **agenda**, acompanhamos os oferecimentos das atividades do Instituto que tanto nos incita a fazer laço pela singularidade de cada um.

Uma boa leitura a todos! Que ela possa por vezes se modular em escrita, a partir de onde o *Conect-a* se coloca como um destino possível de endereçamento do desejo!

Luiza Gerace

**Comissão: Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros (Coordenadora),
Emelice Prado Bagnola, Fábio Saad e Paula Maia.**

:: PÍLULAS DO INSTITUTO

O estrangeiro assimilado: efeitos de um ensino sobre o fantasma

“Gozar sem limite”. Essa máxima trazia na sua sequência, matizando o seu efeito, a pergunta que nortearia o curso de 2024: “qual a função do fantasma?” Partamos dessa interrogação e tentemos dela extrair algo dos efeitos de formação recolhidos desse ensino no instituto para aquele que está às voltas com a prática da psicanálise.

Tenhamos em conta, de início, que o fantasma, como veículo capaz de orientar o gozo em direção ao prazer, poderia ser pensado como contraponto ao “sem limite”. Caberia, desse modo, ao fantasma, acolher e realizar um compromisso com o que do gozo parece inexplicável ou mesmo inaceitável. Pode-se, assim, dizer com Miller¹ que o fantasma tem “função consoladora”², e como tal: “funciona como aparelho signifiante para capturar, domar o gozo” ao dele “surrupiar prazer”³.

O fato de, ao contrário do sintoma, ser o fantasma algo que se costuma calar, coloca-o como um ponto de resistência à interpretação, essa que o psicanalisante demanda ao se submeter à experiência de uma análise. Desse modo, o fantasma ganha o estatuto de “resíduo”, do que “se decanta do sintoma pelo efeito da interpretação”⁴. Observa-se que dele, uma vez levantado o véu que o caracteriza, não se extrai nenhum sujeito – reduzido à condição de des-ser.

Eis o fantasma velando o “horizonte desabitado do ser”, lugar que o sujeito é solicitado a interpretar, e onde busca situar o próprio desejo. Contempla-se aí, no fantasma, a ideia do limite. Se entendermos limite no sentido de fronteira, diremos que poderia servir à orientação do sujei-



Imagem: <https://pixabay.com/pt/>

1 Miller, J.-A. (2024, abril). Sintoma-Fantasma. *Opção Lacaniana*, (88), 25-31.

2 Ibid., p. 25.

3 Ibid., p. 26.

4 Ibid., p. 27.

to quando, ao cruzar a soleira do consultório do analista, é para a destituição subjetiva, “gravada no bilhete de ingresso”⁵, que ele se encaminha sem saber. No ato de cruzar uma fronteira pode-se bem compreender o sentido de ser estrangeiro.

O passo de sair da condição estrangeira pode incluir o pleito de uma autorização dirigida ao Outro. Supõe-se que ele tenha o saber necessário. É do alto do seu prestígio, porém, que se faz escutar a exigência que vem acostrar o sujeito em questão: “um esforço a mais”! Desse imperativo Lacan nos ensinou a encontrar a ressonância sadiana. Eludido o objeto no enunciado da Lei, é uma máxima da vontade o que se deixa escutar. É, como observa Lacan⁶, o paradoxo próprio da Razão Prática, que elege o dever como palavra de ordem de uma ética que se mostra, em tudo, vizinha do gozo – fonte da definição de um “gozar sem limite”, do lado do Outro.

Em tal acepção, o gozo atravessa a vontade, monopolizando-a, tornando-a refém de seu mandato. Quando não se leva em conta o aspecto do gozo do Outro, nesse polo paranoico que Sade relaciona ao Ser-supremo-em-maldade, o que resta é o voluntarismo kantiano da Lei-pela-Lei. Esta subverte o princípio do prazer, ao que não deixa de apresentar a sua face de gozo, dessa vez sob a forma do supereu. Diante dessa constatação, assinalamos mais uma vez, com Lacan, o valor próprio do fantasma:

“Daquela vontade rival estimulante, portanto, o prazer já não é aqui senão um cúmplice precário. No momento mesmo do gozo, estaria simplesmente fora do jogo, se [o fantasma] não interviesse para sustentá-lo pela própria discórdia em que ele sucumbe”⁷.

Mais adiante, no mesmo texto, encontramos a afirmação, segundo a qual: “Se a felicidade é a satisfação ininterrupta do sujeito com sua vida, como a define classicamente a Crítica, é claro que ela se recusa a quem não renuncia à via do desejo”⁸.

Acontece que é pela via do desejo que se faz possível avançar mais além da lógica do “um esforço a mais”. Esse caminho diz respeito à admissão da falta no Outro, cujo corolário é ir além do fantasma, em direção a um “autorizar-se de si mesmo”. Essa via indica a passagem, do que antes fora a miragem de completude do Outro da garantia, para o consentimento com a sua inconsistência.

5 Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan, *Outros Escritos*, Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967), p. 258.

6 Lacan, J. (1998). Kant com Sade. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 776- 803). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962).

7 Ibid, p. 785.

8 Ibid, p. 797.

O movimento inicial, porém, consiste no ultrapassamento da condição estrangeira, levando-se em conta que o que é, de fato, estrangeiro é o gozo. Pelo franqueamento do limite estabelecido no fantasma, delimita-se o seu funcionamento, na forma do objeto que serve à sua satisfação. Reviravolta que põe em evidência a causa da divisão do sujeito, evidencia-se com isso a “dobradiça” da passagem de psicanalisante a psicanalista⁹. Esse passo possibilita, portanto, ir além dos limites do saber universal e sustentar algo de uma enunciação, ou seja, um falar em nome próprio.

Guilherme Pimentel Jordão

9 Lacan, 2003/1967, p. 259.

A escrita de um caso em psicanálise

*Eu achei tanta graça quando aprendi a dar nós,
fiquei cheia de poder.
Entendi depois o que queria dizer:
“toda convicção é apostólica”,
fiquei cheia de espanto.
As palavras só contam o que se sabe.
(Adélia Prado)¹*



Imagem: <https://pixabay.com/pt/>

No dia 13 de setembro de 2025, Valéria Ferranti e Heloísa Telles, ambas associadas ao CLIN-a e membros da EBP/AMP, coordenaram a atividade intitulada “A construção do caso clínico e sua transmissão”, no Hotel Transamérica Higienópolis, com a presença da convidada Ligia Gorini, AME da ECF/AMP.

Quatro casos clínicos foram apresentados e discutidos, com o rigor e a precisão que demandavam. A mim, foi dirigida a tarefa, pela equipe deste Boletim, de recolher e dar consequência às ressonâncias desse trabalho.

No dicionário, ressonância comporta mais de um significado, dentre os quais destacarei: 1. maneira como um corpo transmite as ondas sonoras; 2. eco, repercussão de sons. O sentido figurado da palavra repercussão também pode ser lido, no dicionário, como: efeito, consequência.

Primeiro efeito: sonhar. Um sonho reenvia a praticante à uma citação de Marie-Hélène Brousse sobre o dispositivo do cartel: “cada um deve inventar sua trajetória de formação, cada um deve se perguntar se vai às jornadas, se participa do ensino, se vai à sessão clínica. E a cada vez, era um decisão individual, que Lacan finalmente exigia, colocada à prova da transferência de cada um (...) a formação que um sujeito escolhe para se dar a si mesmo”² – assim, em psicanálise, não se entra sem o corpo, seus ecos, o sintoma e seus impasses.

Segundo efeito: escrever. Se a escrita de um caso em psicanálise comporta sempre algum nível de dificuldade – desobstaculizar a inibição, avançar dos dados biográficos dos analisantes, transmitir os efeitos de supervisão e o que se reenvia à própria análise, extrair a

1 Fragmento do poema “Os acontecimentos e os dizeres” de Adélia Prado, em seu livro de estreia “Bagagem” (1976). PRADO, A. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Record, 2024, p. 35.

2 BROUSSE, M-H. Sobre o cartel fulgurante. In: *Manual de Cartéis*. Belo Horizonte: Scriptum, 2010, p. 60-61.

matriz lógica³ do caso, dentre tantos outros – é justamente porque, “em última instância, é uma psicanálise do próprio analista”⁴, nos esclarece Miller.

Freud é o exemplo mais emblemático e corajoso, sobretudo, no que revela do seu fracasso na direção do caso Dora. Uma vez interrompido o tratamento, Freud “reanalisou sua própria posição com relação a ela, e conclui que se tinha equivocado fundamentalmente quanto ao objeto de interesse de Dora (...). Neste sentido, o caso Dora é também o caso Freud.”⁵

Se uma supervisão de orientação lacaniana é aquela que incide sobre o desejo do analista, e não, nos moldes da IPA, sobre a cronologia das sessões, a sequência interminável e detalhada das intervenções e os possíveis avanços e/ou estragos que daí decorrem, podemos acompanhar Miller quando ele nos adverte que “estamos no caso clínico e não saberíamos abater nossa presença sem prescindir dos seus efeitos. Tratamos, sem dúvida, de comprimir essa presença, de esmerilhar suas particularidades, de alcançar o universal do que chamamos desejo do analista. E o controle, a prática do que se chama supervisão serve para isso: para lavar as escórias remanescentes que interferem no tratamento.”⁶

Como tão precisamente nos transmitiu Ligia Gorini, a presença do psicanalista será sempre ofertada no caso a caso – seja pela via do silêncio para uns, pela indiscutível confrontação dos corpos para outros ou pela pertinência de uma ausência/presença precipitada por atendimentos ora virtuais ora presenciais, como tão bem nos ensinou o caso de Cristiana Gallo.

Uma breve decantação lacaniana: cada praticante leva um analisante até onde já avançou em seu próprio percurso. Cada um escolhe que formação irá se dar, a bagagem, o percurso é uma responsabilidade que se liga à solidão de cada um na sua mais intrínseca relação com a causa analítica. “O analista não é indiferente, ele não é aquele que não escolhe, pois tem uma ética. O simples fato de Lacan ter acreditado poder desenvolver uma ética da psicanálise comporta que há uma escolha na própria posição do analista. Notemos que a palavra ‘ética’ não é a palavra ‘moral’ e ela inclui, de bom grado, a política”⁷.

3 LAURENT, É. El caso, del malestar a mentira. Disponível em: < https://www.causaclinica.com.ar/cursos_2023/doc/bibliografia_sugerida/el_caso.pdf> Acesso em: 18.set.2025

4 MILLER, J-A. Percurso de Lacan uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 1988, p. 60.

5 MILLER, J-A. Ibidem.

6 MILLER, J-A. Falar com o corpo. Disponível em: < <https://enapol.com/vi/pt/portfolio-items/falar-com-o-corpo/>> Acesso em: 17.set.2025.

7 MILLER, J-A. (2018). Ponto de basta. In: *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 79. São Paulo: Edições Eólia, p. 29.

Não recuar em colocar a céu aberto os impasses de uma práxis, pode conduzir aos efeitos de formação e, não raramente, às formações do inconsciente – lugar propício para a formação do analista. Sonhar, despertar, a cada vez, a cada caso, como nos ensina Freud, advertidos da “vocação à preguiça”⁸, do empuxo a seguir dormindo, dos restos sintomáticos incuráveis que insistem em retornar – só, assim, há salto na formação.

Janaina de Paula Costa Veríssimo

8 MILLER, J-A. Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada. In: *O cartel: conceito e funcionamento na Escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Campus, 1994, p. 02.

Núcleo de Psicanálise e Toxicomania do Clin-a, em Ribeirão Preto: ressonâncias de uma participante

“Não necessito de uma lista numerosa, mas de trabalhadores decididos como desde já estou ciente”¹

O desejo de participar deste Núcleo me acompanhava há anos, mas apenas em 2023 se concretizou a inscrição. Já atendia, em uma instituição, um caso grave de alcoolismo que me levava à supervisão intensa. Nesse encontro, percebia um limite da palavra: algo não se deixava simbolizar. Foi quando senti a necessidade de pesquisar mais a fundo essa clínica do excesso e de compartilhar o percurso com outros que se interessavam pelo tema.

A toxicomania não é uma estrutura clínica, mas apresenta uma especificidade que nos convoca. São sujeitos que, segundo Jesus Santiago, recorrem ao uso de “uma prótese química que surge no momento em que se embaraçam com o aspecto insuportável do gozo do corpo e em que o semblante fálico fracassa em fazer valer, para eles, uma relação tolerável com a toxicidade do gozo.”²

Esse gozo sem limites incide diretamente sobre o corpo e pode levar à devastação e até à morte. Muitas vezes, o analista sozinho encontra dificuldade em sustentar o tratamento, e o laço com a medicina se torna necessário quando os limites do simbólico não bastam. Foi nesse contexto que o Núcleo me pareceu o lugar certo para endereçar essas questões.

O Núcleo é vinculado à rede internacional TyA (Toxicomania e alcoolismo), que reúne psicanalistas de orientação lacaniana em diversos lugares do mundo. Ali encontrei a possibilidade de extrair uma orientação do ensino de Lacan,



Imagem: <https://artvee.com/>

1 Lacan, J. “Ato de Fundação” (1964). In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 239.

2 Santiago, J. “A droga do toxicômano: uma defesa da Liberdade”, 2. ed., Belo Horizonte: Relicário, 2017, p. 127.

“[...] trilhada no sulco da descoberta do inconsciente por Freud por suas buscas, sua prática, sua existência. A orientação lacaniana, conforme esclarece Jacques-Alain Miller, é uma bússola para interpretar os discursos de nossa época. No Campo Freudiano, cada um põe ali algo seu (Lacan) e colhe o que semeia, junto a outros, em várias redes pelo mundo.”³

O caso que me levou ao Núcleo foi apresentado no VI Encontro TyA Brasil em 2024, cujo tema foi “Da droga à palavra”. Ele nos desafiou a pensar a palavra não como simples substituição da droga, mas como desdobramento sustentado pela transferência. Minha aposta foi justamente essa: sustentar, como semblante de parceria de gozo, o valor da palavra como fio da transferência.

A elaboração do texto em conjunto foi, para mim, uma experiência viva da transferência de trabalho. O entusiasmo coletivo se fazia sentir: finais de semana trocando ideias, revisando, buscando a melhor forma de demonstrar como minhas intervenções permitiam sustentar o caso. Como relatora, pude ainda participar de uma mesa com colegas que apresentaram casos igualmente desafiadores, contando com os comentários preciosos de Henri Kaufmanner, que me levaram inclusive a uma supervisão posterior com ele. Foi aí que percebi, de forma ainda mais viva, o alcance do trabalho em rede. Neste semestre, temos pesquisado o que aparece de novo na *clínica do excesso* (expressão de Domenico Cosenza⁴), não apenas ligados ao álcool e à droga, mas também na forma de uma “toxicomania generalizada”. Como pensar o corpo à deriva, desgarrado do Outro? Diante da queda do falocentrismo, muitos teóricos têm proposto novos termos: adições, adicções, adixões. Nos reunimos para perguntar se as orientações que temos até hoje ainda são válidas e o que mais pode ser acrescentado na direção do tratamento de quem enfrenta esse gozo mortífero.

A psicanálise de orientação lacaniana vai contra a corrente do que, em geral, se espera de um tratamento para toxicômanos. As políticas públicas, a medicina, as TCCs e, mais recentemente, a inteligência artificial aplicada ao campo “psi”, privilegiam a abstinência e relegam a palavra a segundo plano — muitas vezes, a ponto de dispensá-la. Freud, em sua Conferência XXIII⁵, já diferenciava o sintoma médico, sinal de doença a ser eliminado, do sintoma psíquico, como formação de compromisso e linguagem do inconsciente. Essa diferença não é apenas conceitual: é também uma virada ética na escu-

3 O Campo Freudiano. A Associação Mundial de Psicanálise, São Paulo, 2025. Disponível em <https://www.association-mondiale-psychoanalyse.org/pt/o-campo-freudiano/>. Acesso em 29/9/25.

4 Cosenza, D. *Clínica do Excesso: derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea*. Tradução Cinthia Oliveira Demaria. Belo Horizonte: Scriptum. 2024.

5 Freud, S. (1916-1917). Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas. In: Conferências introdutórias à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ta do sofrimento humano, que seguimos ainda hoje em qualquer tratamento psicanalítico. No Núcleo, a transferência de trabalho sustenta uma clínica difícil, que exige coragem e presença do analista em corpo e palavra, sempre num manejo delicado da transferência. Como lembra Fátima Sarmiento:

“Freud nos brindou com o termo trabalho de transferência, e Lacan inventou a transferência de trabalho. Miller distingue: o trabalho de transferência supõe que o Outro sabe, enquanto a transferência de trabalho se dirige ao não saber – é justamente por isso que ela pode dar lugar ao desejo de saber.”⁶

Resta, ainda, uma questão que nos acompanha para investigação: podemos ainda hoje sustentar a diferença entre alcoolismo e toxicomania, tal como proposta inicialmente pela Rede TyA?

Luciana Ernanny Legey

6 Sarmiento, F. (2025). In: Onyszkiewicz, M. A. (org.). O Um e o Múltiplo da EBP. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, p. 107.

.:RADAR

Com meu celular, me faço tela.

“Quando, no amor, peço um olhar, o que há de fundamentalmente insatisfatório e sempre falhado, é que – Jamais me olhas lá de onde te vejo. Inversamente, o que eu olho não é jamais o que quero ver”



Imagem: <https://pixabay.com/pt/>

A pop art de Andy Warhol pôde ser vista em São Paulo em uma exposição imersiva, que ocorreu neste ano, nos meses de maio a julho. A exposição foi promovida pelo Instituto Tortex e pelo MAB FAAP, que apresentaram um acervo de 600 itens, entre obras e objetos. Nessa exposição, pude constatar a magnitude do artista e sua arte, representada por imagens e retratos de Marilyn Monroe, Elvis Presley, Michael Jackson, para citar alguns. Mas não apenas isso: ele também utilizava, como meio de expressão, a moda, os desenhos, as ilustrações, as esculturas e as publicações.

Pode-se dizer que sua obra denotava forte crítica à sociedade do consumo ao mesmo tempo que se infiltrava nela, não sem consequências, conforme nos relata Priscyla Gomes, curadora da exposição: “Se a arte pop estadunidense foi, em parte, uma resposta à sociedade de consumo e sua extensa produção de imagens, Warhol a levou às últimas consequências”². Nessa via, me interessou o debate sobre as consequências, efeitos e ressonâncias que suas imagens puderam promover e, ao meu ver, continuam. Diante disso, como imagens cotidianas e até mesmo banais possibilitariam tais impactos? Para Priscyla: “Sua obra não nos convida a encontrar uma verdade por trás da imagem, mas a entender a imagem como o lugar onde as verdades se constroem”³.

Após minha visita à exposição: *Andy Warhol: pop art!* que me toca e me emociona, retomo minhas questões. Embora a pop art, representante da cultura de massa tenha surgido nas décadas de 1950 no Reino Unido e 1960 nos Estados Unidos, me parece atual ao constatar a prolifera-

1 LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 104.

2 GOMES, P. Andy Warhol: Pop art!. In: *A factory de Warhol: Superfície, repetição e ruptura*. São Paulo, 2025, p. 18.

3 Ibidem.

ração das imagens e multiplicação de selfies que tanto fazem parte de nosso cotidiano. Vive-se, atualmente, uma verdadeira exposição de imagens banais, amplamente promovida pelas redes sociais. Nesse sentido, o debate sobre a cultura de massa e os modos de gozar dos seres falantes, interessa a psicanálise e amplia a discussão sobre o campo discursivo universal e o ponto singular de cada um. Como não posso me demorar aqui, proponho abordar a relação entre o olhar e a pintura em sua face singular.

Para tanto, utilizo como chave de leitura, as aulas de 4 e 14 de março de 1964 de Jacques Lacan. O autor utiliza a pintura para demonstrar as coordenadas entre a relação da imagem, olho e olhar, que ilustro assim: diante do quadro, o pintor oferece algo que servirá ao outro “como pastagem para o olho⁴”. O observador, por sua vez é convidado a depositar seu olhar sobre ele, “como se depõem as armas⁵”. A pintura, portanto, promove essa deposição, melhor dizendo essa separação. Importante reconhecer o circuito da pulsão que envolve o olhar e o que se olha na guisa da satisfação.

Nessa via, Lacan propõe abordar a questão sobre o olho enquanto órgão e sua relação com o inconsciente, justamente por introduzir o falo na condição da falta. Tais coordenadas são necessárias para abordar a dialética entre o olhar e o olho, em sua dimensão de falta-a-ser. Aliás, a dimensão escópica permeada pela pulsão, reencontra a mesma função do objeto a . Para Lacan, o olho funciona como objeto a , exatamente no nível da falta ($- \phi$). O campo escópico, por sua vez é determinado pelo olhar que está do lado de fora. Nesse sentido o ser é olhado e se torna quadro, segundo as coordenadas do autor.

Outro ponto digno de nota, se refere ao *trompe-l'oeil*, recurso utilizado na pintura que introduz um elemento no sentido de tapear a visão, que fora apresentado por Lacan para demonstrar o encantamento e júbilo que a pintura promove, justamente por conter *um nada* que diz respeito ao sujeito. Em resumo, o olhar opera em determinada queda quando relacionado ao desejo. Segundo o autor, “o sujeito não está aí de modo algum, ele é teleguiado⁶”. Com essa última frase, Lacan considera modificar a ideia, o *desejo é o desejo do Outro*, para o desejo ao Outro, referindo-se ao *dar-a-ver*⁷, que pode ser compreendida entre a relação do olho que se nutre pelo encantamento da pintura.

Todos esses aspectos demonstram a função pacificadora que a pintura pode promover,

4 LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 102.

5 *Ibidem*, p. 115.

6 *Ibidem*.

7 *Ibidem*.

mas não somente, demonstra na função do órgão do olho sua condição voraz. O mau-olhado, como disse Lacan, demonstra sua força mortificadora comumente ouvida nos contos populares, mas não somente, a face da inveja que algumas imagens podem promover, justamente por se manifestar como objeto *a*, separado, e desejado pelo outro ávido por satisfazer-se. Dessa forma, o desejo coordenado pela castração, encontra no olho “sua função virulenta, agressiva e não simplesmente logrante como na natureza⁸”.

Por fim, percorrida toda a exposição, o visitante é convidado a registrar sua imagem em um totem, que é transformada em uma típica pintura do artista e disponibilizada via QR code, para os celulares e pronta para divulgar nas diversas redes sociais. Um verdadeiro convite a tornar-se tela, aos moldes de Andy Warhol. Aliás, ele foi um gênio na arte de *dar-a-ver*, fazendo do outro, tela.

Fabio Saad

8 *Ibidem*, p. 118.

.: Biblioteca

Criada em 1990, a **Federação Internacional de Bibliotecas de Orientação Lacaniana – FIBOL** – tem como objetivo “animar o estudo da psicanálise e das disciplinas afins [...] impulsionando o debate e assegurando a circulação das publicações internacionais do Campo Freudiano e da Associação Mundial de Psicanálise”.¹

Desde 2016, a **Biblioteca do CLIN-a** integra a FIBOL, alinhando-se às suas orientações. É uma biblioteca de referência para a psicanálise de orientação lacaniana, cujo acervo, atualmente com 1617 volumes, constitui um espaço privilegiado para o estudo, a leitura e a escrita, favorecendo a vertente teórica da formação analítica. Mais do que um local de guarda de livros, a Biblioteca do CLIN-a se afirma como local de investigação, intercâmbio e realização de reuniões.

Mantendo uma política de constante atualização, reúne obras e periódicos de psicanálise – incluindo Freud, Lacan, Miller e outros autores do Campo Freudiano – compondo uma sólida literatura analítica. Reúne ainda publicações de áreas conexas, além de documentos institucionais: revistas, trabalhos finais de cursos e textos impressos, compondo, assim, uma memória viva do Instituto.

No triênio 2025-2028, a **Comissão de Biblioteca do CLIN-a** é formada por Camila Popadiuk, Carolline Rangel, Eliana Machado Figueiredo, Emmanuel Nunes de Mello, Laura Mansin.

Bibliotecário: Felipe Salles Silva.

Convidamos todos os interessados pela psicanálise a frequentar nossa Biblioteca, fazendo dela um espaço ativo, capaz de despertar o desejo de saber e de sustentar a causa analítica.

Camila Popadiuk
Coordenadora da Comissão de Biblioteca do CLIN-a



¹ A passagem citada foi retirada de uma apresentação de Judith Miller, anteriormente publicada no site da Associação Mundial de Psicanálise, mas que já não está mais disponível. Atualmente, a referência pode ser consultada na seguinte página: <https://www.association-mondiale-psychoanalyse.org./le-champ-freudien/>

BIBLIOTECA DO CLIN-A

📣 LANÇAMENTO

Bleuler, Freud, Lacan e Miller – Da interlocução entre psiquiatria e psicanálise à psicose ordinária.

Autor: Rômulo Ferreira da Silva

Coautoras: Maria do Carmo Dias Batista, Camilla Colás

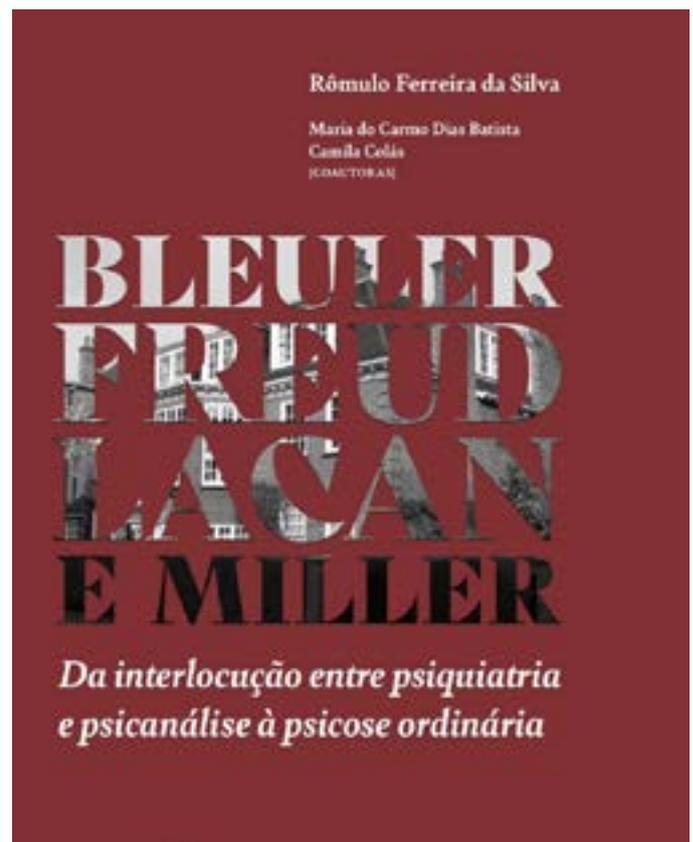
“Este estudo, realizado no âmbito do Instituto do Campo Freudiano, no Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (CLIN-a), é uma tentativa de fazer avançar as articulações que Jacques-Alain Miller provocou em 1998 na Conversação de Antibes com muitos colegas da AMP, e dobrou a aposta em 2008 com seu texto “Efeito do retorno a psicose ordinária.”

Convidamos você a conhecer esta publicação e a fazer parte dessa conversa tão atual e necessária!

O livro está disponível para compra na secretaria do CLIN-a.

End.: R. Aimberé, 1073 – Perdizes – São Paulo

Contato: (11) 2362-4923 – Regina Correa



.: AGENDA

CURSOS

CURSO: PERCURSO DE UMA ANÁLISE

Horário: Terças-feiras das 20h30 às 22h30

1: TRANSFERÊNCIA, TEMPO DA ANÁLISE

30/09, 14/10, 28/10 e 11/11

2: O OBJETO NA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA: PASSAGEM AO ATO E ACTING OUT

07/10, 21/10, 04/11 e 18/11

CURSO: ELUCIDAÇÃO DA CLÍNICA

Horário: Quintas-feiras das 20h30 às 22h30

1: AS DIMENSÕES DO TRAUMA

09/10, 23/10, 13/11 e 04/12

2: CORPO E SEXUALIDADE

16/10, 06/11, 27/11 e 11/12

CURSO: PRÁTICA LACANIANA

Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 10h às 12h30

10/10, 24/10, 07/11 e 28/11

CURSO: “O CORPO É IMAGINÁRIO”. “O IMAGINÁRIO É O CORPO”: QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS PARA A CLÍNICA HOJE?

Horário: Quinzenal, sextas-feiras, das 18h às 19h30

03/10, 17/10, 07/11 e 21/11

CURSO: ENSINO DE LACAN

Horário: Mensal, aos sábados das 9h às 12h30

18/10 e 08/11

CURSOS RETORNO A FREUD:

POR QUE O ANALISTA SE INTERESSA PELO PERÍODO DA INFÂNCIA?

Horário: Quinzenal, sextas-feiras, das 17h30 às 19h

03/10, 17/10, 07/11 e 28/11

DA IMPOTÊNCIA À TRANSFERÊNCIA

Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 18h30 às 20h

09/10, 23/10, 13/11 e 27/11

O SUPEREU

Horário: Quinzenal, segundas-feiras, das 19h30 às 21h

13/10, 27/10 e 10/11

INTRODUÇÃO AO NARCISISMO E PULSÕES E SUAS VICISSITUDES

Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 15h às 16h30

10/10, 24/10, 07/11 e 21/11

UMA LEITURA DO CASO DA JOVEM HOMOSSEXUAL

Horário: Mensal, segundas-feiras das 20h às 21h30

20/10 e 17/11

NÚCLEOS DE PESQUISA

NÚCLEO: APRESENTAÇÃO DE PACIENTES E PSICOSES

Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 14h às 15h30

10/10, 24/10, 07/11 e 28/11

NÚCLEO: PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES- CIRANDA CAMPINAS- NR CEREDA

Horário: Quinzenal, quartas-feiras das 8h às 9h30

08/10, 22/10, 12/11 e 26/11

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES- CIRANDA SÃO PAULO

Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 11h30 às 13h

23/10, 06/11 e 27/11

NÚCLEO: PSICANÁLISE E TOXICOMANIA

Horário: Quinzenal, quartas-feiras das 18h às 19h30

01/10, 15/10, 29/10, 12/11 e 26/11

NÚCLEO: PSICANÁLISE, CORPO E MEDICINA

Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 12h às 13h30

23/10, 06/11 e 27/11

NÚCLEO: PRÁTICA LACANIANA NOS NOVOS TEMPOS E SUA TRANSMISSÃO

Horário: Quinzenal, segundas-feiras às 20h

13/10, 27/10, 10/11 e 24/11

ENCONTROS DE PSICANÁLISE E LITERATURA

Frequência: dois encontros por semestre

Datas e horários: a confirmar

CINECLUBE LACAN

Datas previstas: 10/10 e 14/11

SEMINÁRIO CLÍNICO

Horário: sextas-feiras das 11h às 13h

03/10, 17/10, 31/10 e 14/11